

A patrimonialização da produção de louças e porcelanas em Pedreira, São Paulo: um estudo de caso

The patrimonialization of the making process of china and porcelain in Pedreira, Sao Paulo: a case study

André de Sousa Miranda

Mestre em Análise Crítica e Histórica da Arquitetura e Urbanismo – UFMG
Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
asm1178@gmail.com

Mariana Gonçalves Moreira

Mestranda em Antropologia – UFMG
mgoncalvesmoreira@gmail.com

Raul Amaro de Oliveira Lanari

Doutorando em História – UFMG
Professor do Depto. de História do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH
ralanari@gmail.com

Rodrigo Augusto Silva Freitas

Especialista em Geoprocessamento – UFMG
rodrigoasfreitas@yahoo.com.br

Recebido: 11/10/2014

Aprovado: 19/11/2014

RESUMO: Este artigo pretende discutir o processo de construção e consolidação da prática de fabricação de louças e porcelanas no município paulista de Pedreira, que remonta ao princípio do século XX. Analisaremos as mudanças observadas na prática cultural ao longo das últimas décadas, com o abandono de alguns aspectos tradicionais e a adoção de métodos industriais, tendo por objetivo atingir novos públicos. Frente a este processo histórico-social ligado ao estabelecimento das relações capitalistas de cunho industrial, observa-se, por sua vez, a manutenção de antigas práticas e relações de trabalho, que passam a adquirir novos significados para aqueles que os praticam. Procuraremos mostrar como a produção da porcelana, seja ela em escala industrial ou artesanal, contribuiu para a formação de um universo simbólico para a população de Pedreira; ao mesmo tempo que consolidou-se como um importante setor da economia e do mercado turístico local.

PALAVRAS-CHAVE: Porcelana, Patrimônio cultural, Pedreira/SP.

ABSTRACT: This paper intends to discuss the building and consolidation process of the china and porcelain industry in Pedreira, SP – Brazil, in the beginning of the 20th century. In the last few

decades, the practice suffered changes, due to the substitution of traditional aspects for modern methods and aiming new market segmentation, which will be analysed. Regardless this industrial and capitalist historical-social process, some traditional aspects such as employment relationship and connections were preserved and gained different meanings for those who were involved with it. The idea is to show how porcelain and china manufacturing – handmade or mass production scale - has influenced Pedreira's population symbolic repertoire, also its key role in the touristic and economic development for the city.

KEY-WORDS: Porcelain, Cultural heritage, Pedreira/SP.

Introdução

Pretendemos apresentar aqui os resultados de pesquisa realizada no município de Pedreira, estado de São Paulo, que teve o objetivo de identificar práticas culturais integrantes do cotidiano local. A pesquisa integra o Programa de Identificação e Mapeamento do Patrimônio Cultural existente no trecho onde será instalada a Linha de Transmissão Araraquara-Taubaté, a ser construída pela Companhia Paranaense de Energia Elétrica/COPEL. O trabalho visa fornecer informações acerca da viabilidade do traçado proposto para o empreendimento, levando-se em consideração o patrimônio cultural situado no entorno da linha de transmissão passível de ser impactado. Este artigo analisará as informações coletadas nos levantamentos de campo, tendo como objeto de estudo uma das manifestações culturais de relevância identificada pela equipe: o modo de fazer louças e porcelanas em Pedreira/SP.

Organizamos nossa explanação da seguinte maneira: primeiramente traçamos o estado da arte da produção de cerâmicas, louças e porcelanas. Em seguida, apresentamos informações históricas sobre sua produção e disseminação no Brasil e em Pedreira. Dando prosseguimento ao estudo, analisamos o modo de fazer louças e porcelanas em Pedreira; o universo das relações de trabalho e a construção dos referenciais simbólicos e identitários ligados à porcelana. Por fim, argumentamos sobre as transformações que essa manifestação cultural apresentou durante os mais de cem anos de existência.

Antecedentes históricos da produção da porcelana

A porcelana é uma variação do grupo das cerâmicas que, segundo Pileggi, é uma denominação genérica que abrange todos os produtos derivados da fusão e cozimento em altas

temperaturas entre argila e minerais como quartzo, bauxita, mulita, apatita, zircônia, entre outros.¹ Existem diferentes categorias de cerâmica, em função das características de sua massa e do tratamento de superfície que lhe é conferido: além da porcelana, se destacam os grupos das faianças, louças e azulejos.

A porcelana pode ser caracterizada como um tipo de cerâmica vitrificada elaborada a partir de uma massa composta por caulim, feldspato e quartzo, com características especiais referentes à resistência, transparência e porosidade. Desde sua descoberta, atribuída aos chineses durante a Dinastia Tang (618-970), a porcelana goza de excepcional prestígio tanto no Extremo Oriente como no mundo ocidental. A produção de porcelana se restringiu à China, Coreia e Japão até o século XVIII, tendo sido levada à Europa no século XVI pela Companhia das Índias e as grandes navegações.²

O primeiro reino europeu a ter contato com a porcelana foi Portugal, tendo desenvolvido a prática durante os séculos seguintes com o surgimento de oleiros que se destacavam pelo esmero e pela criatividade nos motivos decorativos e primor no acabamento. De suma importância para o destaque português foi a influência mourisca decorrente da presença árabe na Península Ibérica.³ Portugal se destacou pela produção de azulejos, em grande medida exportados para o Brasil nos séculos XVIII e XIX.

No século XVII desenvolveu-se a produção de porcelana em Florença e, mais no final do século, na França. Ao longo do século XVIII, mais de 60 milhões de objetos de porcelana chinesa foram exportados para a Europa.⁴ No século XVIII a produção de louças e porcelanas inglesas e portuguesas se destacou em função dos esforços de oleiros em desenvolver a técnica, com o intuito de alcançar os padrões orientais. A faiança portuguesa, por exemplo, ao aproximar-se da qualidade da porcelana chinesa, contribuiu para sua difusão no ocidente e para além-mar. O acréscimo de elementos como sílex calcinado, caulim, argila, cal, feldspato e giz nas manufaturas inglesas naquele

¹ PILEGGI, Aristides. *Cerâmica no Brasil e no mundo*. São Paulo: Martins Editores, 1958, p.193.

² MOUTINHO, Stella, PRADO, Rúbia Bueno do, LONDRES, Ruth. *Dicionário de artes decorativas e decoração de interiores*. 2ed. ver. atual. - Rio de Janeiro, Lexikon, 2011, p. 23-38.

³ QUEIRÓS, José. *Cerâmica Portuguesa*. Aveiro: Livraria Estante Editora, 1987, p.98 e ss.

⁴ Rádio Internacional da China (emissora estatal). Disponível em: <http://portuguese.cri.cn/chinaabc/chapter20/chapter200313.htm>. Acesso em: 27 de mai. 2014.

momento consistiu em grande novidade. A temperatura de queima oscilava entre 600 e 1150 graus. O sal marinho aplicado às peças foi substituído pelo óxido de chumbo e óxidos metálicos.⁵

A influência da chegada da porcelana chinesa na produção europeia pode ser percebida facilmente no estilo *chinoiserie*, baseado em interpretações europeias de padrões chineses, comum principalmente na primeira metade do século XIX e geralmente caracterizada pelo tom azul de seus elementos decorativos (período de produção de 1738 a 1873).

A partir do século XIX observou-se a profusão dos motivos decorativos chineses e a difusão da fabricação da porcelana para outros locais da Europa, como a Espanha e, principalmente, a Alemanha. Contribuiu para o destaque da porcelana alemã a descoberta de jazidas minerais que forneciam matéria-prima semelhante à da porcelana chinesa.

Na Inglaterra, por sua vez, desenvolveu-se a indústria de louças baratas, cuja alta produtividade para os padrões então vigentes se devia a adaptações nos métodos de fabricação. A louça inglesa se popularizou no século XIX com a ampliação da rede de trocas comerciais estabelecidas ao redor do mundo e os produtos ingleses chegaram aos mais diversos cantos do mundo.

No Brasil, a porcelana e as louças de origem inglesa se somaram às cerâmicas indígenas e à louça e faiança portuguesas, como veremos a seguir.

Antecedentes históricos da produção e disseminação da porcelana no Brasil

No Brasil, a cerâmica teve seu início com a produção indígena pré-histórica. Estudos arqueológicos indicam sua existência na região amazônica há cerca de 5.000 anos. A cerâmica pré-histórica apresentava variedade de funções e estilos decorativos, sendo produzidos vasilhames, bancos, estatuetas, urnas funerárias, rodela-de-fuso⁶, tangas, colheres, adornos auriculares e labiais e apitos. A tradição ceramista no Brasil é, portanto, muito anterior ao início da colonização portuguesa. É possível destacar, nesse sentido, os exemplos dos povos Marajós, Karajás, Kaxinauás, Tupi-Guaranis, Tukanos, Waurá e Kadiuéu.⁷

⁵TOCCHETTO, Fernanda Bordin et al. *A Faiança Fina em Porto Alegre*: vestígios arqueológicos de uma cidade. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2001, p.28.

⁶Instrumento utilizado para fiar.

⁷Dentre os diversos autores que se dedicam ao estudo da cultura material indígena é possível destacar: FAUSTO, Carlos. *Fragmentos de história e cultura Tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico*. In: CUNHA, Manuela

A origem da fabricação de cerâmicas entre os povos indígenas brasileiros, especialmente aqueles existentes em períodos mais remotos, ainda é motivo de discussões entre os arqueólogos. A principal controvérsia refere-se à ligação entre a existência de objetos cerâmicos e o desenvolvimento das práticas de agricultura entre os indígenas em território americano. Segundo Suely Luna, cerâmica e agricultura, ainda que possuam vínculos entre si, não devem ser diretamente associadas:

A presença da cerâmica entre as populações pré-históricas vem geralmente associada ao conhecimento da agricultura, embora essa relação nem sempre obedeça à realidade. Tem-se observado, através da etnografia, que grupos em estágio agrícola usaram outros tipos de recipiente para transportar, armazenar e mesmo cozinhar alimentos. Por sua vez, já foram também detectados grupos humanos ceramistas que não praticavam atividades agrícolas ou as praticavam sumariamente em períodos sazonais, baseando sua alimentação na caça e, principalmente, na coleta. A utilização da cerâmica não fica restrita, porém, a finalidades de preparação e armazenamento de alimentos, sendo usada também como objeto cerimonial, funerário, lúdico e de adorno.⁸

Quando os portugueses chegaram à costa americana, portanto, encontraram um complexo de povos indígenas que já dominavam técnicas de produção de cerâmica e as utilizavam para a confecção de diversos utensílios. O processo de colonização, por sua vez, foi caracterizado pela incorporação de técnicas e saberes locais, estabelecendo contato entre as culturas indígenas e europeia. O cotidiano do início do povoamento da América Portuguesa foi marcado pela vida rústica, pela precariedade dos recursos e pela necessidade de estabelecer contato com o “gentio”. Este cenário levou a diversas transformações nos modos de viver trazidos da Europa, com incorporações e adaptações de práticas locais, mais adequadas ao ambiente americano. Os diversos casamentos entre europeus e índias aprofundou o contato entre culturas. Segundo Leila Mezan Algranti, “[...] nos primeiros tempos da colonização, em virtude da falta de mulheres brancas, as índias assumiram seu lugar, ensinando a socar o milho, a preparar a mandioca, a traçar as fibras, a fazer redes e a moldar o barro”.⁹

O cotidiano material dos habitantes da colônia nos primeiros anos da ocupação do território americano caracterizava-se pela ausência de conforto e pela pouca quantidade de posses. Tratava-se, muitas vezes, de uma vida transitória, vivida nos caminhos abertos entre as matas, dependente de roças temporárias e pousos pouco equipados. Segundo Laura de Melo e Souza, “foi nos espaços

Carneiro da (ed.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Fapesp/SMC, 1992; e PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

⁸LUNA, Suely. *Sobre as origens da agricultura e da cerâmica pré-histórica no Brasil*. Revista Clio Arqueológica, n° 16, v. 01 UFPE, Recife. 2003, p.69.

⁹ALGRANTI, Leila Mezan. *Famílias e vida doméstica*. In: SOUZA, Laura de Melo e (org.). *História da Vida Privada no Brasil – Vol I: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 122.

abertos e nas zonas distantes que se passou boa parte da história da colonização lusitana na América [...].¹⁰ Esta vida instável e itinerante não deixava espaço para a manutenção de hábitos refinados, bem como para a utilização de utensílios refinados. Já nos engenhos, grandes unidades produtivas habitadas por uma população maior de brancos, índios e negros escravos, o contato com os indígenas e a incorporação da prática de produção de cerâmicas forneceu um bom substituto para as louças importadas:

O mais comum, porém, eram as louças feitas de barro, que desde o início da colonização fabricavam-se em casa, pois na Bahia, segundo Gabriel Soares de Sousa, 'cada engenho tem um forno de tijolo, nos quais se coze muita boa louça'. Porcelanas das Índias, contudo, chegavam com certa frequência desde o início da colonização na bagagem dos mais providos, sendo completadas em épocas posteriores com baixelas inglesas de louça e prata".¹¹

Os colonizadores portugueses instalaram as primeiras olarias do período histórico em colégios, engenhos e fazendas jesuíticas onde se produzia, além de tijolos e telhas, vasilhames de barro para uso doméstico cotidiano. A introdução do uso do torno e das “rodadeiras” parece ser a mais importante influência europeia, verificada principalmente na faixa litorânea, onde primeiro se fixaram os colonizadores. Durante todo o período colonial a produção de “louças de barro” se consolidou na América Portuguesa, tendo como principais núcleos as fazendas e oficinas localizadas nas zonas rurais. As cidades, por sua vez, dependiam do fornecimento de produtos confeccionados nas fazendas ou do abastecimento de produtos importados, destinados aos consumidores mais abastados. A inexistência, na colônia, de iniciativas de produção de louças mais finas, como as importadas pela Companhia das Índias, não pode ser atribuída à precariedade das técnicas. A cerâmica se mostrou, desde cedo, um recurso muito adequado à vida desenvolvida pelos primeiros colonizadores. Das moringas que mantinham a água fresca à arte de moquear a carne, muitas foram as soluções oferecidas pelas cerâmicas à vida cotidiana colonial.¹²

Pileggi ressalta que no Brasil, até o final do século XIX, a produção de cerâmica se restringiu a “alguns utensílios de uso doméstico, entre os quais se incluíam panelas, potes e vasos de barro”.¹³ Já a produção de azulejos, louças e faianças ficava restrita a Portugal. A utilização de cerâmicas e

¹⁰ SOUZA, Laura de Mello e. Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: _____. (org.). *História da Vida Privada no Brasil – Vol I: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.42.

¹¹ ALGRANTI, Leila Mezan. *Famílias e vida doméstica...*, p.123.

¹² ETCHEVARNE, Carlos. *Aspectos da cerâmica colonial do século XVII em Salvador, Bahia*. Disponível em: <http://www.ufpe.br/clioarq/images/documentos/2006-V1N20/2006v1n20a3.pdf>. Acesso em: 20 de mai. 2014.

¹³ PILEGGI, Aristides. *Cerâmica no Brasil e no mundo...*, p.43.

azulejarias nas composições arquitetônicas do período barroco devia-se à importação diretamente de Portugal, onde oleiros se destacavam pelo apuro estilístico. Importavam-se também louças decorativas e domésticas da Europa, que eram utilizadas pelas famílias mais abastadas do país.

A campanha napoleônica na Europa, com a invasão de Portugal em 1809, deteve o ritmo de expansão da produção de louças lusitana. Com isso, no Brasil oitocentista a importação de louças foi proveniente notadamente da Inglaterra, principalmente após a Abertura dos Portos em 1808. Essa louça possuía qualidade superior, variedade de padrões decorativos e preço mais acessível, de forma que rapidamente dominou o mercado brasileiro.¹⁴ Tais vantagens competitivas se deviam à substituição da confecção em torno pelo uso de moldes desde 1750 e ao emprego da técnica de impressão por transferência, conhecida por *transfer printing*, criada em 1770. Essas evoluções técnicas possibilitaram a produção em larga escala da porcelana inglesa e sua comercialização em nível mundial.

Nas últimas décadas do século XIX, quando comunidades rurais e setores mais pobres da população passaram a ter acesso, ainda que relativo, a bens industrializados, o consumo de peças de louça se tornou amplamente difundido pelo território brasileiro. A ampliação da demanda por produtos que antes eram restritos às classes mais abastadas da sociedade se insere no contexto do processo de industrialização na Europa e na participação brasileira no nascente capitalismo industrial, na posição de produtor de matérias primas e importador de produtos industrializados.¹⁵ O escoamento da produção fabril europeia (principalmente a de origem inglesa) tornou mais acessível os artigos domésticos, que chegaram a ser oferecidos em mercados locais do interior paulista.

Um fator que contribuiu para a mudança nos padrões de consumo da porcelana foi a implantação do transporte ferroviário no Brasil. As ferrovias facilitaram a conexão entre o litoral e a região interiorana do país, vindo a contribuir significativamente para a disseminação do consumo de bens industrializados em regiões até então isoladas dos principais centros comerciais. As mercadorias levadas até as estações de trem eram muitas vezes transportadas pelas tropas até os centros consumidores.

¹⁴ TOCCHETTO et al. *A Faiança Fina em Porto Alegre...*, p.35.

¹⁵LIMA, Tânia Andrade et al. *A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. Dédalo*. São Paulo, pub. Avulsa, I: 205: 230, 1989.

A transformação nos padrões de consumo foi incrementada ainda pelo desenvolvimento da produção nacional no início do século XX, que contribuiu para a ampliação do acesso a bens industrializados, antes restritos às camadas mais abastadas da sociedade.

Com o tempo, as peças de porcelanas foram incorporadas à vida cotidiana, sendo encontradas em grandes quantidades e geralmente associadas ao uso doméstico. Sua inserção no contexto doméstico se deu, em parte, em substituição a peças produzidas em outros materiais, como o metal e a madeira.

Contextualização histórica da cidade de Pedreira

Localizada na região metropolitana de Campinas, entre as cidades de Jaguariúna e Amparo, Pedreira pertenceu a este último município durante grande parte do século XIX. As terras onde atualmente se localiza Pedreira foram de propriedade da família Godoy Moreira, que teve grande poder político na região desde o século XVII. O primeiro proprietário das terras foi João Pedro de Godoy Moreira, que construiu, em 1834, uma casa de residência onde passou a viver com sua família. Esta edificação se tornou sede da “Fazenda Grande”, formada por um conjunto de propriedades anexadas ao núcleo original ao longo do século XIX.

Em 1864 a Fazenda Grande foi desmembrada no processo de partilha dos bens de João Pedro Godoy Moreira, iniciado antes de sua morte. Um de seus filhos, João Batista de Godoy Moreira, foi contemplado com terras em uma região conhecida como Fazenda Triunfo. João Batista adquiriu posteriormente grande parte das terras de seus irmãos, tendo herdado o restante da Fazenda Grande no final da década de 1880 com a conclusão do processo de partilha. A posse da maioria das terras da família fez de João Batista o sucessor de João Pedro de Godoy Moreira, tendo ele adotado o nome do pai a partir de sua morte.

A região também se beneficiou com a instalação dos trilhos da Companhia Mogiana e a construção da Estação de Pedreira em 1875.¹⁶ O surgimento do arraial que originou a cidade foi fruto da ação pessoal de João Batista de Godoy Moreira, que criou em 1887 um loteamento em parte

¹⁶Pedreira era atendida por um dos primeiros ramais da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro (1875-1967). O Ramal de Amparo foi implantado em 1875, ligando Jaguary (Jaguariúna) a Amparo. Em 1890, o ramal foi prolongado pela Companhia até Monte Alegre. Os trens de mercadorias e passageiros circularam neste ramal entre os anos de 1875 e 1967 e a estação de Pedreira era parada obrigatória. Na década de 1960 o tráfego de trens no ramal foi suspenso e as estações desativadas.

de suas terras com o objetivo de formar uma cidade. Em 1889 a pequena vila já contava com 70 habitações, a Capela de Santana e possuía estabelecimentos comerciais como padarias, açougues, ferrarias, casas comerciais que vendiam tecidos, utensílios domésticos nacionais e estrangeiros, ferragens, calçados e aviamentos.

O nome da vila surgiu em decorrência de uma peculiaridade do proprietário das terras loteadas, que nomeou seus quatro filhos com o mesmo nome: Pedro. O lugarejo ficou conhecido então como “Bairro dos Pedros”, Santana de Pedreira e, posteriormente, Pedreira. Por intermédio de contatos realizados por João Pedro de Godoy Moreira com a elite paulista do início da República, Pedreira foi elevada a Distrito Policial em 1890 e a Distrito de Paz e Freguesia em 22 de dezembro do mesmo ano. Em junho de 1892 a Capela de Santana foi elevada a Capela Curada. Em 31 de outubro de 1896 foi efetivada a emancipação de Pedreira.¹⁷

O desenvolvimento da nova cidade foi impulsionado pelo sucesso da lavoura cafeeira na região, caracterizada pela presença de morros e terrenos de altitude mais elevada, propícios ao cultivo do café. Junto com a lavoura cafeeira chegaram centenas de famílias provenientes da Itália, que se empregaram nas plantações e passaram a residir na área urbana. Muitos desses imigrantes passaram a trabalhar em comércios, chegando com o tempo a constituírem negócios próprios. Outros se especializaram na produção de porcelana, inaugurando uma prática que se ligaria, nas décadas seguintes, à identidade de Pedreira.

Antecedentes históricos da produção da porcelana em Pedreira



A produção de louças e porcelanas teve início nas propriedades da família Rizzi, que adquiriu os equipamentos da família Bonadio, ambas italianas. Os Bonadio fabricavam peças como vasos, jarras e travessas em cerâmica vermelha. Em 1914, os Rizzi fundaram a Cerâmica Santa Rita, uma das primeiras da América Latina. A implantação da Cerâmica contou com a contribuição dos técnicos italianos José Zappi e Mário Zappi, que promoveram o aumento do tamanho das chaminés dos fornos, o que possibilitou o aprimoramento da produção.

Simone Faria de Souza ressalta que a urbanização de Pedreira está diretamente relacionada ao processo histórico da crise cafeeira. Os habitantes de Pedreira viviam, quase que exclusivamente, da

¹⁷PREFEITURA MUNICIPAL DE PEDREIRA. Portal oficial: <http://www.pedreira.sp.gov.br/>. Acesso em: 05 de mai. 2014.

agricultura e do comércio do café, em sua maioria em propriedades rurais. Em 1914 surgiu a primeira indústria de cerâmica da cidade, a “Cerâmica Santa Rita”, trazendo consigo uma nova alternativa econômica. Com a crise do café, a população rural engajou-se nas pequenas fábricas locais, seduzidas que estavam pelo aparente desenvolvimento econômico. O setor ceramista se expandiu e levou ao crescimento socioeconômico da cidade, que passou a ser conhecida como a “Flor da Porcelana”.¹⁸

Posteriormente, outras indústrias surgiram no município, a partir, principalmente, da iniciativa de funcionários que aprendiam as técnicas de produção da porcelana e montavam suas próprias fábricas. Dentre os novos empreendimentos destacaram-se: a Cerâmica Santana, Nadir Figueiredo, Santa Cecília, a Cerâmica São Sebastião, Porcelana São Jorge, Cerâmica São José, Cerâmica Santa Terezinha, Cerâmica São Joaquim, Porcelana São Paulo, Porcelana Santa Isabel, Cerâmica São Gabriel, Porcelana São João, Bela Vista, Santa Inês, Nossa Senhora de Fátima, Santa Clara, Joana d’Arc, Corcovado, Santa Rosa, Louças Ganzarolli, dentre outras dezenas de pequenas fábricas.

Cerâmica Santana		
		
Cerâmica Nadir Figueiredo		
		
		
Cerâmica Santa Terezinha		

¹⁸SOUZA, Simone Faria de. *A indústria de cerâmica de Pedreira e seus impactos ambientais: subsídios para uma gestão ambiental pública*. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003, p.19.

		
Cerâmica Santa Rita		
		

Quadro 01: Evolução das logomarcas dos principais fabricantes de cerâmica em Pedreira/SP.

A maioria das fábricas se especializou na produção de peças de pequeno porte, como vasos, conjuntos de louças e bibelôs. O grau de diversificação da produção e a especialização em determinados conjuntos de peças garantiu a notoriedade de algumas das fábricas existentes em Pedreira, como a Cerâmica Santana, a Nadir Figueiredo e a Cerâmica Santa Terezinha. As três fábricas prosperaram a partir da ampla aceitação de suas peças, atingindo projeção nacional. A Cerâmica Santana, fundada em 1941 com o nome de Flaminio Maurício e Cia., consolidou-se como fabricante de enfeites e peças de uso doméstico, como compoteiras, vasos e jarros. A partir do final da década de 1940, já com o nome de Cerâmica Santana, investiu no início da produção de isolantes para linhas de transmissão, atingindo grande êxito. Ao longo do século XX sua produção foi orientada cada vez mais para esta última demanda, que apresentou enorme crescimento com a interiorização do desenvolvimento econômico no estado de São Paulo.



Imagem 01: Dama e Cavalheiro. Cerâmica Santana, 1940. Acervo Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira/SP.



Imagem 02: Senhorita em Trajes de Banho. Cerâmica Santana, 1940. Acervo Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira/SP.



Imagem 03: Figura Feminina. Cerâmica Santana, 1940. Acervo Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira/SP.



Imagem 04: Bobina de cerâmica para linhas de transmissão de energia elétrica. Acervo Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira/SP. Foto: Raul Lanari, 23/06/2014

A Cerâmica Nadir Figueiredo, fundada em 1943, integrou o grupo empresarial fundado em 1912 e que se destacou pela produção de vidros ao longo de todo o século XX. A fábrica da Cerâmica Nadir Figueiredo, instalada na entrada da área urbana de Pedreira, congregou um grande

número de funcionários, que residiam em uma vila operária anexa às dependências da linha de produção. A Cerâmica Nadir Figueiredo se destacou na produção de baixelas, conjuntos de jantar e vasos, adquirindo reconhecimento internacional.



Imagem 05: Bule. Cerâmica Nadir Figueiredo, 1951. Acervo Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira/SP.



Imagem 06: Conjunto de sobremesa. Cerâmica Nadir Figueiredo, 1949. Acervo Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira/SP.

O modo de fazer Porcelana em Pedreira:

Em Pedreira, o modo tradicional de fazer a porcelana tem sido mantido ao longo do tempo em parte das fábricas instaladas no município. O processo consiste em oito etapas, a saber: criação da matriz; estampagem; desenforme; acabamento; pintura à mão; esmaltação; empilhamento para o forno e fornada.

Inicialmente é feito o preparo da massa com a mistura de, feldspato, quartzo, caulim e argila, obtidos normalmente de fornecedores de Pinhalzinho/SP, Campo Largo/PR, Equador/RN e São Simão/SP. Em alguns casos observa-se a utilização das “fritas”, materiais de natureza vítrea obtidos a partir de processamento, em temperaturas por volta de 1500° C, dos minerais listados acima e de componentes químicos como boratos e carbonatos.

Os ingredientes são triturados e misturados no “tamborão”, equipamento formado por um cilindro metálico revestido com paralelepípedos e grandes pedregulhos em sua parte interna. Após trinta e seis horas de moagem é obtida a “borbotina”, como é conhecida a massa líquida da porcelana. Após o beneficiamento, a massa passa por filtoprensas,¹⁹ onde perde aproximadamente

¹⁹ Equipamento de filtragem de água sob pressão.

25% de sua umidade, e é compactada através do processo de extrusão com a utilização da “maromba”, de onde sai cilíndrica e com consistência dura.



Imagem 07: Ingredientes utilizados para a obtenção da massa da porcelana expostos no Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira/SP.
Foto: [suprimido], 22/01/2014.



Imagem 08: “Tamborão” utilizado pela Cerâmicas Santana para a mistura da massa da porcelana. Década de 1980. Acervo Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira.



Imagem 09: Filtroprensa durante o processo de beneficiamento da borbotina, massa utilizada para a fabricação da porcelana. Cerâmicas Santana, década de 1980. Acervo Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira.



Imagem 10: Processo de extrusão da borbotina com a utilização do equipamento conhecido como “Maromba”. Cerâmicas Santana, década de 1980. Acervo Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira.

Após a extrusão, a massa é colocada em formas de gesso, conhecidas por “estampo”. Após a secagem, cuja duração varia entre uma e duas horas, a peça é destacada do molde e entregue à seção de acabamento. Espera-se aproximadamente um dia até a secagem completa das peças e então são retiradas as “rebarbas”, isto é, o excesso de massa que se acumula na junção das partes do molde. A realização dos acabamentos conta com a utilização de equipamentos como tornos e lâminas. Os detalhes mais finos são obtidos com o uso de buchas umedecidas em água, cuja função é o alisamento da superfície.



Imagem 11: Molde utilizado para a fabricação de canecas de porcelana. Acervo Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira/SP.



Imagem 12: Molde utilizado para a fabricação de vasos de porcelana. Acervo Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira/SP.

Para evitar que a peça fique porosa, após a queima é feita a esmaltação, processo responsável por dar brilho e coloração à superfície das peças. O esmalte da cerâmica é um dos elementos que mais afeta os aspectos funcionais da peça, pois seu uso está diretamente relacionado a características como a estanqueidade.²⁰

²⁰Ausência de porosidades, trincas e furos que possam deixar escapar parte do conteúdo armazenado nas peças.

O esmalte branco usado na produção da porcelana também serve de base para a formação de cores específicas, cores essas criadas mediante a adição de corantes. O esmalte é colocado em um grande recipiente e as peças são banhadas, absorvendo imediatamente o verniz.

Em seguida, é retirado o esmalte da base da peça, em alguns casos com o uso de um equipamento específico, desenvolvido na própria fábrica, composto por uma esteira revestida por uma esponja. A retirada do esmalte da base é necessária para que a peça não fique aderida ao forno na etapa de queima.

As peças de porcelana são organizadas em armários abertos respeitando-se a fase de produção. Os armários são geralmente formados por uma estrutura metálica fixa sobre a qual são colocadas prateleiras de madeira. As prateleiras destacam-se da estrutura do armário de modo a servirem de suporte para o transporte dos produtos. Esse transporte é realizado com o funcionário utilizando apenas o apoio do ombro e uma das mãos – tarefa que exige equilíbrio e muito domínio espacial do local de trabalho. Em alguns casos observa-se a existência de estantes projetadas especialmente para o processo de transporte e armazenamento, com rodas que permitem fácil locomoção nas dependências da oficina.



Imagem 13: Detalhe do trabalho das funcionárias da empresa Cerâmicas São Joaquim durante o processo de acabamento das peças produzidas. Foto: Raul Lanari, 24/01/2014.



Imagem 14: Armazenamento de peças da empresa Cerâmicas São Joaquim. Observa, no canto inferior esquerdo, a utilização de estantes com rodas para facilitar o transporte das peças. Foto: Raul Lanari, 24/01/2014

A etapa seguinte do processo é a queima das peças. Nesse ponto distinguem-se dois tipos de produtos finais: aquele que será comercializado sem nenhum tratamento artístico sobre o suporte e aquele que receberá decoração superficial.

O tratamento artístico consiste na pintura realizada à mão ou no uso de decalque, isto é, uma película que contém a decoração. A pintura de frisos e linhas é feita com o uso do torno e as decorações figurativas, por serem geralmente mais elaboradas, são feitas à mão livre.

Os produtos que receberam tratamento artístico passam por uma nova etapa de queima. Cuidados especiais são necessários durante essa etapa da produção. As peças são organizadas em um suporte adequado para serem levadas ao forno. Uma vez que o esmalte entra em fusão com a cozedura, é necessário separá-las durante a queima para evitar que elas se grudem. A queima é feita em fornos elétricos a 1290 °C, temperatura necessária para a obtenção de brilho vitrificado. Após o resfriamento, o produto está pronto para ser comercializado.



Imagem 15: Forno elétrico para a queima das peças na Cerâmicas São Joaquim. Foto: [suprimido], 24/01/2014

A produção de porcelana em Pedreira se caracteriza pela diversidade. São muitos os modelos utilizados em suas peças, os padrões decorativos, as formas e funções do produto, os símbolos de identificação dos produtores e a gama de cores empregadas no suporte. A maior parte da produção está voltada ao serviço doméstico, ao consumo, estocagem e armazenamento de alimentos. Esse

universo de utensílios é materializado em serviços de jantar, de chá, de café, em canecas, xícaras, pratos, bibelôs, bules, malgas, tigelas, entre outras peças de grande beleza e requinte.

O universo das relações de trabalho na cadeia produtiva da porcelana em Pedreira – permanências e mudanças

Ao longo do tempo, poucas transformações foram verificadas nas fábricas. A cadeia produtiva tradicional de fabricação da porcelana manteve grau considerável de integridade, com a permanência de muitas das características do espaço de trabalho e da atividade laboral.

Uma mudança verificada no contexto fabril está ligada à discriminação de funções por gênero. Inicialmente, havia uma forte divisão sexual das tarefas. As atividades que exigiam um maior esforço físico, assim como cargos administrativos de gerência e chefia, eram preferencialmente delegados a indivíduos do sexo masculino. Por outro lado, atividades que exigiam maior habilidade manual e acuidade, como no caso da pintura decorativa, eram preferencialmente destinadas ao sexo feminino. Atualmente, nota-se que o enquadramento funcional por gênero está relegado ao passado.

A associação do universo feminino à produção ceramista tem origem histórica. Fontes bibliográficas indicam o predomínio de mulheres no processo de confecção de vasilhames e outros utensílios nas culturas indígenas, como observado no início do capítulo. A prática, contudo, também foi difundida entre escravos e quilombolas. Essas populações utilizaram seus referenciais culturais e étnicos na definição da morfologia e decoração das vasilhas utilizadas para preparo, consumo, serviço e armazenamento de alimentos. Sobre essa questão, Symanski indica a relação da produção afro-brasileira com a África:

[...] a atribuição da produção ceramista ao gênero feminino na grande maioria dessas sociedades, dado o papel fundamental da mulher na reprodução biológica da sociedade, através do parto e da criação dos filhos. A associação da cerâmica com as mulheres, e conseqüentemente com a fertilidade, está também relacionada com o fato de elas serem as principais responsáveis pelo cultivo da terra e preparação dos alimentos. Esta associação é particularmente forte entre os grupos banto da África Central.²¹

²¹SYMANSKI, Luís Cláudio P. Cerâmicas, identidades escravas e crioulação nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). *História Unisinos*. Vol. 14 N° 3 – set./dez. De 2010, p.307.

Em relação ao processo de ensino-aprendizagem empregado nas fábricas de porcelana, nota-se que os funcionários mais antigos da fábrica tendem a repassar as técnicas artesanais da porcelana para os aprendizes. Esses últimos têm a oportunidade de inserirem-se na cadeia produtiva mediante o ensino prático de suas atividades.

No caso específico da pintura manual dos objetos, a determinação e o esforço a médio e longo prazos fornecem o domínio técnico necessário para se trabalhar com a porcelana. Conseqüentemente, o formato da decoração, a quantidade de tinta aplicada e a distribuição da decoração nos vasilhames vão sendo aprimorados com o ganho de experiência.

As relações vinculadas ao processo de ensino-aprendizagem se inserem em um contexto de relações muito particulares que caracterizam o trabalho fabril. A relação social entre os funcionários é de muita proximidade, relação essa marcada por vínculos familiares e de estreita amizade. É comum que funcionários indiquem parentes e amigos para trabalharem na fábrica, o que favorece a criação de um ambiente laboral singular, cujas relações interpessoais ultrapassam as fronteiras da profissão e os limites da fábrica.

De forma geral, cada funcionário possui tarefas e atividades bem definidas. A organização do trabalho é caracterizada por uma forte disciplina, com horários de trabalho e não-trabalho definidos pelo som da sirene, que pode ser ouvida em toda a área urbana do município. Justamente por seu alcance sonoro, a sirene não só determina os horários de trabalho, como também é utilizada como referência temporal pelos moradores de Pedreira. Outra função atribuída à sirene é anunciar o falecimento de moradores no município. Para tanto, quando os encarregados da fábrica são notificados do falecimento, a sirene é tocada em tom baixo, anunciando para a população o ocorrido.

A porcelana enquanto referencial simbólico e identitário: o caso das “caqueiras”

É interessante observar que o modo de fazer louças e porcelanas desperta ressignificações diversas, que por vezes ultrapassam o universo mercantil e adentram o rol das experiências simbólicas. Um bom exemplo é a apropriação das chamadas “caqueiras” pelas crianças.

As “caqueiras” são montículos formados a partir do descarte de peças que, em função de defeitos apresentados, tiveram sua comercialização inviabilizada. Geralmente localizadas na parte posterior das fábricas, estes montes formados ao longo de décadas de descarte constituem fonte

riquíssima de pesquisa, uma vez que o estudo pode revelar importantes informações sobre a porcelana, principalmente considerando-se a abordagem arqueológica. Dados como cronologia das peças, forma e padrões decorativos são alguns dos elementos que poderiam ser mais bem compreendidos por meio da pesquisa das “caqueiras”. O estudo desse potencial manancial de informações formado pelas “caqueiras” poderia subsidiar o registro arqueológico da porcelana encontrada no Brasil, elucidando técnicas, hábitos e comportamentos dos diversos grupos sociais que compõem a sociedade brasileira.

Entretanto, o que salta aos olhos, dentro dos objetivos deste artigo, é a profusão de memórias existentes, entre os moradores adultos de Pedreira, a respeito das brincadeiras nas “caqueiras”. O depoimento de Adilson Spagiari, atual diretor do Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira, é ilustrativo nesse sentido:

As caqueiras eram a alegria da gente quando éramos crianças. Muitas das fábricas se especializaram, nos primeiros tempos, na fabricação de bonecos e bibelôs. As peças com defeito iam todas para as caqueiras, e aí você imagina a alegria que não sentíamos quando achávamos algum boneco mais ou menos intacto, com o qual poderíamos fazer brincadeiras. Se você perguntar pra todo mundo da minha idade, e pros mais velhos também, sobre as caqueiras, você vai ter que ficar uma semana aqui em Pedreira de tanta história que tem.

22

O modo de fazer louças e porcelanas em Pedreira está associado a múltiplas experiências de vida que evidenciam o caráter identitário que a prática carrega entre os moradores locais. No caso acima é possível perceber que as memórias inserem os moradores em um campo de experiência comum, que os coloca em contato com as gerações mais antigas por intermédio das práticas advindas da produção de louças e porcelanas.

A título de conclusão desta seção, interessa observar a forma como os moradores se referem aos produtos criados em Pedreira. Nem todas as fábricas de louças existentes na cidade produzem porcelana. Somente um número diminuto delas trabalha com esse material, tendo a maioria se especializado na produção de louças de outras composições e densidades. Não obstante, os moradores se referem às peças, sejam elas em louça ou porcelana, sem qualquer distinção, apenas como “porcelanas”, o que remete à carga simbólica imputada à posse – e, por extensão, à produção – de peças deste gênero.

²² Depoimento de Adilson Spagiari, Diretor do Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira, registrado em 27 de janeiro de 2014.

Transformações sociais nos universos da produção e do consumo

Em Pedreira, a instalação das fábricas de porcelana aqueceu a economia e motivou o surgimento de atividades que dão suporte ao setor, tais como as indústrias de máquinas e equipamentos, estabelecimentos especializados em decalques, pintura e impressão, além da indústria de embalagens.

A boa acolhida dos produtos fabricados em Pedreira levou à fundação de inúmeras fábricas na cidade entre as décadas de 1920 e 1960. O tamanho dessas fábricas variava, com pequenas empresas familiares convivendo com fábricas equipadas com maquinário importado e métodos atualizados de produção das peças.

Segundo depoimentos de alguns dos proprietários consultados nas visitas a campo, é possível perceber que a especialização nos métodos de produção e o acirramento da competição levou à aquisição de algumas das pequenas oficinas por empresas de maior porte. Esse processo levou à diminuição dos fabricantes tradicionais, que tiveram de se especializar em gêneros específicos de louças e cerâmicas, como por exemplo, as canecas promocionais e garrafas de bebidas alcoólicas. Observou-se também o crescimento da produção mecanizada, com a montagem de linhas de produção, como observado nas dependências da Cerâmica São Joaquim.



Imagem 16: Galpão sede da empresa Cerâmicas São Joaquim, existente desde 1956 na cidade de Pedreira/SP. Foto: Raul Lanari, 24/01/2014.



Imagem 17: Linha de produção da empresa Cerâmicas São Joaquim, no município de Pedreira/SP. Foto: Raul Lanari, 24/01/2014.

Outro setor beneficiado com a implantação das fábricas de porcelana foi o comércio. Na década de 1980 foram criados os primeiros estabelecimentos comerciais na Praça Cel. João Pedro para comercializarem seus produtos direto das fábricas. Essa forma de comércio prosperou e culminou por se estender ao longo da Via Marginal da cidade, onde atualmente a porcelana destaca-se ao lado de outros gêneros artesanais do município.

O município de Pedreira é atualmente um centro de produção e comercialização de peças de cerâmica e porcelana. A avenida principal, construída onde anteriormente passavam os trilhos da ferrovia, corresponde a um trecho da rodovia Jaguariúna-Amparo. A diversificação das atividades comerciais e a concorrência entre fabricantes e lojistas fez com que alguns dos produtores abandonassem a fabricação de peças como pratos e conjuntos de chá. No caso específico desses utensílios, tornou-se mais rentável importar as peças brutas da China para customização²³ nas dependências das fábricas locais.

Ainda hoje a produção cerâmica é fortemente marcada pela mão de obra intensiva. Essa característica torna a competição com o mercado asiático extremamente difícil, dado o baixo custo da mão de obra nesse mercado. Isso explica porque 80% da produção de cerâmicas de uso doméstico e afins concentram-se na Ásia.²⁴

A fabricação de louças em Pedreira foi alvo de políticas públicas visando a expansão do mercado turístico no município. Observou-se então um processo de dupla dimensão: a expansão das fábricas, a modificação dos métodos de produção e o conseqüente aumento do mercado consumidor foram acompanhados pela “patrimonialização” da prática e sua valorização como parte da identidade cultural local.

A despeito das mudanças nas práticas de fabricação, a população de Pedreira tem na porcelana um dos elementos constituintes de sua identidade, isto é, a manifestação cultural local que diferencia esse grupo social de outras coletividades e que lhe serve de identidade em um mundo cada vez mais globalizado. É esse um dos traços culturais que auxilia a contar a história do município e demonstrar seu protagonismo nesse campo do conhecimento. São esses valores que qualificam a

²³Processo artístico de pintura que resulta na personalização de peças avulsas ou conjuntos para atender às demandas do mercado consumidor.

²⁴ TEIXEIRA, Tiago Roberto Alves. *Competitividade e território: uma análise do arranjo produtivo local potencial de cerâmica artística do município de Porto Ferreira – SP*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

porcelana de Pedreira como um elemento do Patrimônio Cultural do município e, como tal, merece ser registrado, preservado, valorizado e divulgado.

Este processo de valorização cultural da prática de fabricação de louças e porcelanas fez parte de um esforço para a criação de um roteiro turístico que pudesse ser associado às rotas existentes na região de Jaguariúna e Amparo. Jaguariúna se notabilizou pela realização de um dos principais rodeios brasileiros, enquanto Amparo é uma das cidades históricas mais procuradas pelos paulistas nos meses de julho e janeiro por abrigar uma estância hidromineral e diversas opções de turismo histórico.²⁵ Pedreira procurou se beneficiar do fato de estar localizada entre as duas cidades para atrair o turismo. Atualmente, existem mais de 150 lojas que comercializam uma grande variedade de produtos cerâmicos em Pedreira, as quais estão localizadas, em sua maioria, nas proximidades da rota do Circuito Paulista das Águas, ou seja, em pontos estratégicos para atrair os turistas às compras.²⁶

Para isso a Prefeitura Municipal investiu no processo de “patrimonialização” da prática. Este processo, segundo Françoise Choay, apresenta-se na forma da criação de instituições e políticas culturais de reconhecimento e valorização das práticas sociais que, por sua vez, direcionam as práticas de preservação ao vinculá-las ao poder público e a mecanismos de financiamento e divulgação na imprensa e na mídia.²⁷ No caso de Pedreira, o que se observou primeiramente foi a preocupação em identificar e classificar as diversas fábricas de cerâmicas e porcelanas no município. As informações obtidas privilegiavam apenas os tipos de cerâmicas produzidas, sem especificação das peculiaridades de cada produtor. Tratava-se, enfim, de uma listagem voltada para os lojistas que visitavam Pedreira para a aquisição de estoques.

As ações de valorização da história da produção de louças e porcelanas em Pedreira ganharam maior ímpeto a partir da reestruturação do Museu Histórico “Beato José de Anchieta”, fundado em 1980, e sua transformação no Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira em 1995. A partir de então, a instituição passou a funcionar na edificação conhecida como “Sobrado do Dr. Silva Pinto”, localizada na Praça Coronel João Pedro, n.102. A construção, inaugurada na segunda metade do século XIX, abrigou a família Silva Pinto durante aproximadamente sessenta anos. O sobrado foi utilizado para diversas outras finalidades na segunda metade do século XX, abrigando instituições bancárias, fórum temporário, sede de uma rádio e da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

²⁵ALLIS, Thiago. *Turismo, patrimônio cultural e transporte ferroviário: um estudo sobre ferrovias turísticas no Brasil e na Argentina*. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p.139.

²⁶SOUZA, Simone Faria de. *A indústria de cerâmica de Pedreira...*, p.128-133.

²⁷CHOAY, Françoise. *O Patrimônio em Questão: antologia para um combate*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2011, p.31-37.

do município. Entre 1995 e 1998 o Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira esteve instalado na edificação, tendo iniciado o processo de composição de seu acervo a partir de campanha de mobilização das famílias locais. Entre 1998 e 2006 o museu funcionou na antiga Estação Ferroviária de Pedreira, tendo voltado ao “Sobrado do Dr. Pinto” em 2006, por determinação da Lei Municipal n.º 2.633/2006. A edificação passou por intervenções de restauro nos anos de 2009, com sua descupinização total, e em 2010, com a substituição completa de sua cobertura.²⁸

O retorno do Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira ao antigo edifício levou à organização de suas dependências em torno de dois eixos: a história do município, no primeiro andar, e, no segundo, a história da fabricação de louças e porcelanas. Foram organizadas no primeiro piso exposições de peças e fotografias referentes aos imigrantes italianos, à estrada de ferro, aos ofícios tradicionais, como o boticário, o dentista e o comerciante. Uma parte do salão principal foi destinada à exposição de grandes projetores de películas cinematográficas, procurando mostrar o crescimento urbano da cidade e a criação dos primeiros estabelecimentos culturais.

A instituição dedica as salas do segundo andar à exposição de peças de porcelana produzidas pelas fábricas do município, contextualizando e apresentando a evolução histórica da prática no município de Pedreira. Grandes painéis contam a história dos principais fabricantes, como a Cerâmica Santa Rita, a Cerâmica Santa Terezinha, Cerâmica Nadir Figueiredo e a Cerâmica Santana. A narrativa museológica da instituição mistura a memória do município à memória da produção de louças e porcelanas, mas apaga as distinções entre as duas categorias de cerâmica com a institucionalização da segunda que, como já observamos, é dotada de carga simbólica ligada ao valor econômico.

Em função da recente comemoração do centenário da Porcelana em Pedreira, a Prefeitura Municipal, por meio da atuação da Secretaria Municipal de Turismo, de Cultura e Educação, organizou visitas guiadas às fábricas locais para apresentar o processo produtivo da porcelana à população interessada. Também foram ministradas palestras em escolas, concurso fotográfico e exposição no Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira. Tais atividades contribuíram para estimular a difusão das memórias ligadas à produção de louças e porcelanas entre as gerações mais novas de Pedreira.

²⁸ Museu Histórico e da Porcelana de Pedreira. Disponível em: <http://museupedreira.blogspot.com.br/2013/07/100-anos-da-porcelana-em-pedreira-1913.html>. Acesso em: 29 de abr. 2014.

Para Choay e outros especialistas na área do patrimônio cultural, como Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, este processo traz consigo o perigo de “inflação do mercado de bens simbólicos” e de sua vinculação excessiva com a espetacularização da cultura e as estratégias de *marketing* cultural que submetem a valoração dos bens culturais às normas não escritas das trocas econômicas.²⁹ Schneider, acompanhando a linha de raciocínio descrita acima, identifica na dimensão não-oficial do patrimônio processos de construção de significados ligados aos sentimentos e afetos. Para a autora, esta dimensão estaria diretamente ligada ao sentimento de pertencimento que define as identidades e que unifica os grupos sociais. Para estes autores, somente a existência desta dimensão não oficial de reconhecimento das manifestações culturais permite a difusão e a incorporação delas às identidades locais.³⁰

A despeito dessas vicissitudes, percebe-se que as atividades também possuem o objetivo de formar agentes culturais que possam trabalhar nos roteiros turísticos procurados pelos visitantes. Percebe-se, nesse caso, uma forma de direcionamento da manifestação cultural a partir de demandas não propriamente ligadas à prática, mas sim aos objetivos estratégicos da administração municipal referentes ao desenvolvimento econômico local. Esta estratégia apresenta o benefício de inserir jovens no mercado de trabalho, movimentando recursos no município. Por outro lado, esta inserção no mercado está apenas parcialmente ligada à prática, uma vez que aqueles que desenvolvem as atividades turísticas não se engajam na produção de louças e porcelanas. Com isso fica prejudicado um dos principais objetivos das práticas patrimoniais, segundo o Decreto 3551/2000: a garantia de continuidade e livre apropriação das manifestações culturais imateriais.

²⁹ MENEZES, Ulpiano T.B. Cultura política e lugares da memória. In: AZEVEDO, Cecília et.al. (org). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2009, p.445-464.

³⁰SCHNEIDER, Tereza. *Imagens do não-lugar: comunicação e os “novos patrimônios”*. Tese(doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.